



José Cardoso Pires

## À VOLTA CÁ OS ESPERO

Quando por azar tenho de ir a um cemitério acontece-me como ao Ruy Belo:

*“Os ciprestes os pássaros saúdam-me e eu passo com um olho vazado transpareço o meu passado.”*

Não que a morte me assuste desde que não seja trabalhosa, nada disso. Mas porque, diante da urna dum amigo, nunca me ponho a fazer contas ao que já vivi e ao que estou para viver se Deus me der saúde e boa sorte.

**Um funeral é sempre uma manifestação pública de pesar e de gratidão. Nos dias negros do salazarismo representava acima de tudo um acto de protesto e de solidariedade, sob o olhar feroz da polícia política. Que entre os jazigos e as cruzes vigiava os participantes.**

Passo por cima, transpareço o meu passado, é isso. E, neste esquecer de mim, às vezes ocorrem-me coisas estranhas. Já uma vez estive a velar o corpo dum desconhecido, a pedido da minha mãe, e pelas pessoas que entravam e saíam (igualmente desconhecidas para mim) passei o tempo a imaginar o defunto quando vivo e concluí coisas terríveis. Só mais tarde vim a saber que me tinha enganado na casa mortuária e que estivera a velar o morto errado.

Também nos funerais oficiais faço os pos-

síveis por deixar o meu passado para trás, por causa dos erros históricos. E para lá do morto propriamente em causa vêm-me lembranças doutros desfiles de homenagem, desde o tempo em que as marchas fúnebres se faziam a passo lento, Rua Morais Soares acima, atrás duma urna transportada numa carroça inspirada em catedral sinistra, conduzida por duas mulas tão carregadas de luto que pareciam fantasmas da Inquisição.

Nesse tempo, à passagem do finado, a cidade, respeitosa, tirava o chapéu, e se o funeral era de primeira, daqueles que nunca mais têm fim, havia sempre alguém de fora que perguntava quem era o morto e alguém que respondia: “O que vai lá à frente, no meio das flores.”

Assim, a passo de mula funerária, íamos subindo até ao Cemitério do Alto de São João, por entre o dia-a-dia da cidade e das tabernas que nos saudavam com um letreiro, bem à vista, de “À Volta Cá Os Espero!”.

E à volta era garantido: depois do cemitério, os peregrinos enlutados espalhavam-se pelas tascas a comer passarinhos fritos, a beber e a conversar, como se voltassem à vida depois daquele convívio com a morte. Muitos deles já não se viam há anos. Estavam ali porque pertenciam à Liga dos Combatentes da Grande Guerra ou a outra heróica agremiação dos velhos tempos, Voz do Operário ou coisa assim, e tinham vindo prestar a última homenagem a um companheiro desaparecido. Alguns, já de olho pingado e boca à banda, festejavam-se com abraços: “Estás na mesma, pá. Estás na mesma.”

Hoje o “carro da morte” acabou, e

ainda bem, com as mulas de enterro que cheiravam a cadáver e a dourado cavernoso. E, para nossa desgraça, também pôs fim às tabernas que nos esperavam para aliviarem o “post-mortem” com vinho do lavrador e conversas de efemérides. Com a imponência da sua carroçaria palaciana, seus cromados, sua velocidade, seus choferes quase mundanos, o carro funerário tornou menos dramática a viagem para a outra vida.

Mas um funeral é sempre uma manifestação pública de pesar e de gratidão e dizem os entendidos que é também a última afirmação de poder, mesmo quando, nos dias negros do salazarismo, representava acima de tudo um acto de protesto e de solidariedade, sob o olhar feroz da polícia política.

Nessa altura, o chamado “campo santo” dos que repousam em paz transformava-se num território de perseguidos inconformados. Jovens e combatentes de longa data iam ali despedir-se dum companheiro de luta e, velhos, cada vez mais velhos, os democratas históricos estavam com eles. Firmes, à volta do coval, guardavam um silêncio cinzento como se perguntassem quando chegaria a sua vez.

Depois era tudo como no poema de Ruy Belo, os ciprestes e os pássaros saudavam-nos e eles passavam. Embrenhados ou transparecendo o seu passado, regressavam ao presente; mas, espalhados por entre os jazigos e as cruzes, os demónios da polícia política seguiam-nos com olhos ameaçadores.

Como se dissessem: “À volta cá os espero! À volta cá os espero!” ●